

O coco de Zambê da comunidade quilombola da praia de Sibaúma/RN e suas contribuições à resistência: em busca de caminhos metodológicos e outras

abordagens

Comunicação

GTE 05 – Educação Musical e Relações étnico-raciais

Isaac Samir Cortez de Melo
IFRN Campus Natal Centro Histórico
isaac.melo@ifrn.edu.br

Resumo: Sibaúma, é uma comunidade quilombola no litoral sul potiguar, possui rica história e cultura, passando de um local um tanto quanto isolado, como descrito em 1969 pela Revista Realidade, para uma área mais urbanizada, mas que ainda preserva sua paisagem bucólica. Reconhecida oficialmente pela Fundação Palmares em 2005, a comunidade enfrenta desafios com a ameaça do turismo predatório. Nesse cenário, o Coco de Zambê, segundo a própria comunidade, se destaca como elemento que colabora com a identidade e resistência cultural. Sendo assim, para esse artigo, trazemos uma proposta inicial de projeto para uma Tese, a qual tem nos seus objetivos visibilizar como o Coco de Zambê é transmitido, mantido e reinterpretado ao longo das gerações na comunidade quilombola de Sibaúma; problematizar de que forma a participação na prática musical do Coco de Zambê influencia a construção da identidade individual e coletiva dos membros da comunidade; por fim (re)pensar em conjunto, sobre o Coco de Zambê como meio de resistência cultural e social para a comunidade quilombola de Sibaúma, considerando as ameaças à sua cultura e território. Iremos nos respaldar metodologicamente na perspectiva decolonial, a qual adota uma abordagem participativa, priorizando vozes locais e imersão na comunidade. O conceito de paisagem sonora de Murray Schafer e juntamente com a visão de que a música compõe o território são essenciais para essa análise. Mais que gênero musical, o Coco de Zambê é um instrumento de afirmação e de luta, promovendo a coesão social e a valorização da cultura de Sibaúma.

Palavras-chave: Coco de Zambê; Quilombo Potiguar; Música e Resistência.

Sibaúma mano, ô que praia beleza: suas paisagens e seus sons

Sibaúma mano, ô que praia beleza! Praia que tem cultura da nossa nobreza!
Sibaúma mano, ô que praia beleza! Sibaúma tem um rio que corre para o

mar! Sibaúma praia bela que encantou o meu olhar! Sibaúma mano, ô que praia beleza!¹ (Herdeiros de Zumbi, 2018, s/p).

Para este artigo, nos baseamos na interseção dos seguintes elementos, a Comunidade Quilombola da praia de Sibaúma, o Coco de Zambê e o grupo Herdeiros de Zumbi e o encontro desses com o autor, cuja trajetória pessoal e profissional como músico (baterista) e professor, começou na infância com vivências musicais afetivas e seguiu com uma formação em diferentes espaços e propostas. Em 2017 ocorreu uma “virada de chave” em termos de concepções em educação musical, impulsionada pelo trabalho no IFRN Campus Canguaretama, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, que me fez dialogar com comunidades e culturas locais, como o grupo Herdeiros de Zumbi, e me inspirou a buscar novas abordagens, alinhando-se a uma epistemologia que valoriza a cultura brasileira e sua diversidade.

Retomando à comunidade de Sibaúma, ela já foi uma terra de difícil acesso, como descreveu a jornalista Talvani Guedes da Fonseca em sua visita para construir uma matéria para Revista Realidade (Figura 1) juntamente com o fotógrafo e diretor de cinema Jorge Bodanzky.

O jipe parou na margem direita do rio Catu, em Canguaretama, a 70 quilômetros de Natal. O motorista avisou: “Daqui por diante, não tem mais estrada, môleço. Em Sibaúma, não vai carro”. Já havíamos perguntado a uma porção de gente onde fica Sibaúma, e ninguém sabia. Histórias quase lendárias falavam de um bando de negros, descendentes de escravos fugidos, que vivia naquela região. A história oficial do Rio Grande do Norte, publicada pelo Governo do Estado, não dedica uma linha ao assunto. O povo, porém, sobretudo do litoral sul, sabe de Sibaúma. O problema era encontrá-la, pouca gente se atreveu a ir lá, com medo de ver de perto aqueles negros. Em Goianinha, uma mulher se assustou quando lhe dissemos que iríamos em Sibaúma. “Vocês vão ver os caboclinhos? Eu que num ia. São uns prêtos baixinhos mas valentes” (Fonseca, 1969, p. 115).

Hoje totalmente urbanizada, a comunidade quilombola da praia de Sibaúma, faz parte do município de Tibau do Sul/RN, região do litoral sul potiguar. Ainda se trata de um reduto com paisagens bucólicas (Figura 2) que transmite muita tranquilidade aos seus visitantes. Espaços comuns as regiões do interior brasileiro, com a disposição de uma praça

¹ “Sibaúma mano” música disponível em <https://youtu.be/XS2xeYBNmXY?si=EpRSOg7xblGK4Kjo>

central, igreja à frente, mercados próximos, casas simples em volta e outros elementos que contribuem com a ideia de um ambiente bastante calmo e acolhedor.

Com um ambiente em que os moradores se conhecem muito bem, Sibaúma uma disposição de espaços comuns à realidade do nosso litoral potiguar. Faz divisa com a praia de Barra do Cunhaú, que pertence ao município de Canguaretama/RN. O rio Catu realiza essa divisão entre essas praias e municípios (Figura 3). É possível atravessar o rio durante a maré baixa ou utilizando balsas, guiadas por moradores locais que transportam pedestres e automóveis. Com uma brisa muito agradável e o som relaxante do mar, Sibaúma possui um bom espaço de vegetação nativa, especialmente mangue, se tornando um bom ambiente para descanso ou turismo ecológico.

A comunidade de Sibaúma foi reconhecida e certificada como remanescentes de quilombo pela Fundação Cultural Palmares no ano de 2005, passando a ser beneficiária de políticas públicas específicas para grupos quilombolas (LINS, 2009). Apesar de ser esse um evento importante no processo de identificação e resistência da comunidade, vinte anos depois grupos de lideranças precisam ainda promover atividades de reafirmação para que não sofram uma “invasão”, principalmente do turismo predatório comum em outras praias da região, como por exemplo a praia de Pipa, internacionalmente reconhecida com um local turístico do nosso estado, que possui forte investimento estrangeiro que, por vezes, não contribui direta e significativamente com a comunidade local.

Figura 1: “Os Herdeiros de Zumbi”.



Fonte: Recortes da publicação nº 37 da Revista Realidade em 1969. Na foto à direita o senhor Eduardo, líder comunitário na época. (Texto: Talvani Guedes da Fonseca. Fotos: Jorge Bodanzky).

Figura 2: Praia de Sibaúma vista das falésias.



Fonte: foto do autor.

Foi pensando nesse (re)fortalecimento cultural da comunidade que no início da década de noventa, um grupo de jovens resolveu retomar as atividades musicais do Coco de Zambê, um gênero tipicamente potiguar que existia e resiste principalmente em comunidades do litoral do nosso estado. O primeiro grupo, formalizado, se intitulou “Filhos de Zumbi”, com a ajuda do mestre de capoeira, o senhor Nicácio da Silva Filho, conhecido como “Tião”. Passado um momento de limbo para o grupo e a partir do desejo de alguns integrantes da comunidade em preservar sua identidade cultural, foi que em meados dos anos 2000, o grupo ressurgiu com um novo nome: “Herdeiros de Zumbi”² possuindo o

² Nome inspirado pelo título da reportagem da Revista Realidade em 1969.

Sérgio, Laelson, Silvinho e Evandeilson como principais integrantes dessa nova fase de revitalização cultural. O grupo também utiliza a capoeira como uma forma de comunicação e integração.

Figura 3: Rio Catu e suas balsas e uma gameleira na imagem a direita.



Fonte: fotos do autor.

As músicas falam sobre a própria comunidade. É um jogo de pergunta e resposta, no qual alguém inicia o coco com uma pergunta desafiando outro a respondê-la e assim propiciar o envolvimento de todos em participar da roda de dança, inclusive, a roda também deve responder. As letras de antigamente falavam sobre usina de cana de açúcar³, casa de farinha, o rio (as formas de interações que eles possuíam na época), hoje enaltece o canto da praia, a beleza da comunidade⁴.

Os principais instrumentos são os tambores produzidos a partir da madeira do coqueiro, cajueiro e embiriba. Geralmente são utilizados três tambores principais: dois “pau oco” maiores chamados de “mestres”, que possuem uma sonoridade grave e que conduzem a base do ritmo e um menor denominado “chama” esse último possui um som mais agudo, acentuando, através de variações, as transições e indicações do ritmo para a dança⁵ (Figura 4).

Através de produção independente que conta com auxílio de comércios locais e algumas instituições, o Grupo Herdeiros de Zumbi organiza apresentações locais visando fortalecer a cultura, garantindo a perpetuação diante de desafios como desigualdades, preconceito sociorracial, étnico e religioso. Além de serem uma forma de expressão que

³ “A usina de Santa Helena” música disponível em https://youtu.be/XBzEDwgGPOk?si=8FuBgL_EXfagFFWe

⁴ “Quem é vocês que vem de lá?” música disponível em https://youtu.be/jx_OojGRzIY?si=wA1yyJ_TKQs9UZEH

⁵ “Instrumental” música disponível em <https://youtu.be/cXdtFTr5Aec?si=T3nwyuEeGILw3nS>

afasta os jovens da criminalidade, elas buscam integrar a comunidade, promovendo a união e a valorização das raízes locais. Os eventos que acontecem regularmente na comunidade e que têm ligação direta com o Coco de Zambê são: “A noite dos Tambores” realizada em data que antecede o Carnaval, e a “Semana da Consciência Negra”, que ocorre próximo ao vinte de novembro (Figura 5). Além disso, o grupo costuma se apresentar a convite em instituições culturais e de ensino na capital, Natal/RN, entre outros municípios.

Figura 4: Os tambores do Coco de Zambê de Sibaúma.



Fonte: fotos do autor.

Figura 5: Registros de eventos que tem o Coco de Zambê como protagonista.



Fonte: fotos do autor.

Sibaúma tem um rio que corre para o mar: percursos de pensamentos e abordagens

Considerando as características identitárias da comunidade de Sibaúma e a relevância de uma proposta de estudo, a fim de aprofundarmos o diálogo entre diferentes conhecimentos, iniciamos com mais um trecho de outro Coco de Zambê entoado na comunidade: “Maneiro pau, maneiro pau. Eu já disse que já vou. Maneiro pau, maneiro pau.

Tocar o meu zambê. Maneiro pau, maneiro pau. Pro meu povo com amor”⁶. (Herdeiros De Zumbi, 2018).

Após essa tentativa de apresentar o contexto imagético e sonoro da comunidade quilombola de Sibaúma, iremos seguir um caminho, ainda em construção, de proposta para tese de doutorado⁷ a qual seguimos considerando que a musicalidade do Coco de Zambê emerge como um recurso cultural vital para identidade e resistência da comunidade quilombola de Sibaúma, dessa forma atua como um alicerce para a construção da coesão social dentro da comunidade, proporcionando um senso de pertencimento compartilhado, tão necessário no contexto atual da região.

Para tanto, buscando nortear nosso caminho elaboramos a seguinte questão: quais as contribuições do Coco de Zambê ao processo de identidades e resistência da comunidade de Sibaúma? O que resultou na construção do objetivo geral: desvendar de que maneira o Coco de Zambê contribui com a identidade coletiva e resistência cultural da comunidade quilombola de Sibaúma/RN e de seus sujeitos.

Pretendemos dividir a discussão do texto da tese em três artigos gerados a partir dos objetivos específicos aqui apresentados: visibilizar como o Coco de Zambê é transmitido, mantido e reinterpretado ao longo das gerações na comunidade quilombola de Sibaúma; problematizar de que forma a participação na prática musical do Coco de Zambê influencia a construção da identidade individual e coletiva dos membros da comunidade; e por fim (re)pensar em conjunto, sobre o Coco de Zambê como meio de resistência cultural e social para a comunidade quilombola de Sibaúma, considerando as ameaças à sua cultura e território.

Seguindo um fluxo que nos leve a respostas e outras questões, pensamos em um caminho na inspiração trazida pelas propostas do pedagogo musical Murray Schafer, principalmente no que diz respeito ao conceito de “paisagem sonora”, por acreditarmos que as especificidades sonoro-musicais existentes na comunidade da praia de Sibaúma, apresentam elementos significativos de discussão à respeito de suas identidades. Para tanto, devemos considerar que o Coco de Zambê é um gênero musical genuinamente potiguar,

⁶ “Maneiro pau” música disponível em <https://youtu.be/By3rix755R8?si=8KmRTzL3pp7IUo7P>

⁷ Esse estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte dentro da linha de orientação: Política, Subjetivação e Práticas de Resistência.

mais especificamente de comunidades quilombolas situadas principalmente no litoral sul do nosso estado. Sendo assim, acreditamos ser essa “marca sonora” um elemento preponderante de discussão, antes de tratarmos sobre os aspectos de resistência. Sobre esse aspecto Murray Schafer (2011, p. 27), diz que marca sonora:

se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele lugar. Uma vez identificada a marca sonora, é necessário protegê-la porque as marcas sonoras tornam única a vida acústica da comunidade (Murray Schafer, 2011, p.27).

Se com a visita da equipe da Revista Realidade, Sibaúma foi descrito como um local inóspito, com poucos visitantes externos e de difícil acesso, hoje ela se apresenta bem diferente, principalmente pelo fato de ter uma praia vizinha reconhecida mundialmente como rota turística, a praia de Pipa, que também faz parte do município de Tibau do Sul/RN. Com investimentos significativos, principalmente do capital estrangeiro, entre as décadas de 80 e 90, essa comunidade foi aos poucos se tornando um lugar badalado e frequentado por pessoas de todo mundo, algumas delas, celebridades.

Até então Sibaúma foi urbanizada, com escola, posto de saúde, acessos mais fáceis e rápidos, além de outras estruturas que fazem parte de um cotidiano de uma comunidade pacata do interior. No entanto, devido à sua proximidade com a praia de Pipa, esses e outros investidores, principalmente estrangeiros, querem ampliar seus negócios à praia de Sibaúma, inclusive chamando e divulgando como “Nova Pipa”, o que preocupa a comunidade já que não é contrária ao turismo, mas entende que esse deve ser de base comunitária e com a participação ativa de sua população.

É dentro desse contexto, que entendemos que seja necessário o debate sobre paisagens sonoras e sua relação com território e territorialidades em nossos textos. Para tanto nos embasamos no professor, geógrafo e músico Alessandro Dozena, principalmente quando diz que:

os sons constituem linguagens espaciais, um meio capaz de comunicar ideias ou sentimentos a partir de fontes sonoras. Essa proposição considera que ao ouvir música um indivíduo também “ouve o território”, na medida em que características musicais como melodia, harmonia, escalas e ritmos relacionam-se a

condicionamentos espaciais específicos [...], ou ainda quando o contato com a paisagem é inspirado por uma canção ou ritmo musical, e incita imaginários geográficos (Dozena, 2024, p. 26).

Expandindo a discussão sobre a profunda ligação entre a musicalidade local e a territorialidade, o autor já mencionado enfatiza que essa conexão vai muito mais além. Ele argumenta que a música, em suas diversas manifestações culturais de um determinado local, não é apenas um reflexo do território, mas também uma força ativa que o molda e o define.

Essa perspectiva sugere que as melodias, ritmos e letras produzidos em uma comunidade específica são intrinsecamente influenciados por fatores geográficos, históricos, sociais e ambientais. A paisagem sonora de um lugar, portanto, torna-se um espelho da identidade territorial, incorporando as experiências, as lutas, as alegrias e as tradições de seu povo. Conseqüentemente, a música serve como um veículo poderoso para a manutenção da memória coletiva, a transmissão de saberes ancestrais e a afirmação da identidade cultural de uma região. Em suma, a musicalidade local se manifesta como um elemento vital na construção e percepção do território, transformando-o de um mero espaço físico em um lugar carregado de significados e sentimentos.

As territorialidades forjadas por aspectos sonoros podem fomentar identidades com base territorial, trazendo conexões com padrões passados e presentes de povoamento, migração, etnicidades, heranças musicais, estilos de vida e condições socioeconômicas. Torna-se relevante atentar para o fato de que além de um corpo fisiológico existe um corpo social, criador de uma musicalidade que se ratifica na existência individual e coletiva (Dozena, 2024, p. 32).

Ao considerar o Coco de Zambê como expressão cultural singular da comunidade quilombola de Sibaúma, este projeto adota uma perspectiva epistemológica decolonial. Isso significa que, em vez de aplicar teorias eurocêntricas, a análise é pautada nas vozes e experiências dos próprios membros da comunidade. É uma busca por desconstruir narrativas hegemônicas e valorizar o conhecimento produzido a partir da vivência. Sobre esse aspecto Haraway (1995, p. 36) diz que:

Saberes localizados requerem que o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso, e, finalmente, nunca como um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento “objetivo”. A observação é paradigmaticamente clara nas abordagens críticas das ciências sociais e humanas, nas quais a própria agência das pessoas estudadas transforma todo o projeto de produção de teoria social (Haraway, 1995. p. 36).

A metodologia participativa é o pilar dessa abordagem. Através dela, o projeto não apenas observa, mas se integra à realidade local, realizando uma análise aprofundada e uma imersão genuína nas práticas daquela comunidade. Essa imersão permite uma compreensão do contexto, dos valores e das relações sociais, indo para além da superfície. Ao dar protagonismo aos saberes ancestrais e contemporâneos da comunidade, buscamos não apenas documentar, mas também contribuir diretamente para o fortalecimento e a valorização dessa herança cultural.

A riqueza do estudo reside na combinação interdisciplinar de perspectivas. Ao unir os campos da Música, da Decolonialidade e da Psicologia Social, será possível transcender uma análise meramente descritiva. Essa triangulação teórica permitirá investigar de forma mais robusta como o Coco de Zambê contribui para a formação da identidade individual e coletiva. Assim, visamos compreender como essa manifestação cultural fortalece o elemento da resistência diante dos desafios históricos e contemporâneos enfrentados pela comunidade, reconhecendo o Coco de Zambê não só como arte, mas como um potente instrumento de afirmação e luta.

Para tanto, uma das nossas abordagens será ter participação ativa nos ensaios e apresentações do grupo Herdeiros de Zumbi, com o registro através de diários de campo, incorporando não só os dados que nos são apresentados, mas também nossas afetações à experiência. Estar junto, vivenciar o ritmo, a melodia e a energia do Coco de Zambê reconhecendo seus valores musicais, de luta e de sabedoria. Essa imersão permite que as teorias se encontrem com a prática, com diálogo e que a pesquisa seja construída *com* a comunidade, e não apenas *sobre* ela.

Além da presença ativa, iremos nos comprometer a atender algumas demandas da comunidade, oferecendo formações que fortaleçam suas iniciativas e contribua com a

autonomia. Como a possibilidade de propor oficinas em Produção Cultural. Essa ação não visa impor conhecimentos externos, mas sim compartilhar ferramentas e estratégias que a própria comunidade pode utilizar para amplificar suas vozes, gerir seus projetos e fortalecer sua economia criativa, sempre a partir de suas próprias perspectivas e valores.

Por fim, ainda dentro da nossa discussão sobre a importância de dar voz aos protagonistas, trazemos as palavras de Silvinho, um dos membros do grupo Herdeiros de Zumbi. Sua fala, no contexto do documentário *Herdeiros de Zumbi – Sibaúma/RN*, não apenas expressa o profundo significado do Coco de Zambê para ele e para a comunidade de Sibaúma, mas também revela suas contribuições vitais para a resistência cultural e social.

Pra mim o Zambê, ele me faz andar por aí afora. Plantando a cultura. Fazendo mais amizade. Fortalecendo mais o nosso trabalho, a nossa comunidade, levando as crianças à Universidade. Então isso aí pra gente é fundamental. É um orgulho muito grande (Silva, 2021, 8min28s à 8min48s).

Adeus, adeus: diálogos de saberes e ecos de vozes

As comunidades quilombolas, com sua história e cultura, são um importante componente do quadro social do Brasil. No entanto, enfrentam constantemente desafios significativos à sua sobrevivência cultural e identidade devido ao avanço do desenvolvimento urbano e econômico. A ameaça de desterritorialização, que resulta da pressão por expansão urbana, turismo predatório e projetos baseados em conceitos capitais de desenvolvimento, muitas vezes coloca em risco as tradições, as práticas culturais e os laços com a terra que são fundamentais para a identidade. Especialmente a região de Sibaúma, tem atraído recentemente olhares de grandes investidores para exploração de sua beleza e riquezas naturais, muitas vezes desconsiderando aspectos históricos e culturais da região e da comunidade.

Nesse contexto, a musicalidade do Coco de Zambê emerge como um recurso cultural importante para a identidade e a resistência daquela comunidade. Esta forma de expressão musical não apenas conecta as gerações passadas às futuras, mas também serve como um veículo de transmissão da história, de valores e de experiências. Além disso, esse gênero musical tem um papel preponderante para a construção da coesão social,

proporcionando um senso de pertencimento compartilhado, tão necessário no contexto atual da região.

Portanto, para esse estudo e dentro de uma perspectiva decolonial, a fusão de saberes é importante por representar um diálogo respeitoso e horizontal, onde o conhecimento acadêmico se encontra e interage com as epistemologias e práticas locais. Ao invés de uma via de mão única, essa abordagem enriquecerá o corpo de conhecimento da música e da psicologia social, mas o fará de uma maneira inclusiva e ética. O objetivo é valorizar as narrativas autênticas e as potências intrínsecas que emergem dos territórios historicamente subalternizados.

Por fim, é interessante terminarmos (por enquanto) como começamos, com um Coco de Zambê do Grupo Herdeiros de Zumbi da comunidade quilombola da praia de Sibaúma do município de Tibau do Sul/RN: “Adeus! Adeus! Boa viagem! Eu vou me embora. Olha, boa viagem! Eu vou com Deus. Boa viagem!”⁸ (Herdeiros de Zumbi, 2018).

⁸ “Maneiro pau” música disponível em <https://youtu.be/8C99Pr5bWiw?si=1hYcheHfVioUsA3d>

Referências

DOZENA, Alessandro. *Geografia sonoras*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula. 2024.

FONSECA, Talvani Guedes da. Os herdeiros de Zumbi. *Revista Realidade*, São Paulo, Editora Abril, 1969.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

HERDEIROS DE ZUMBI. *Adeus, adeus!* Herdeiros de Zumbi: praia de Sibaúma. Gravado na Escola de Música da UFRN. 2018. Faixa 19. Disponível em <https://youtu.be/8C99Pr5bWiw?si=7DR6jEKihl6aRyhV>

HERDEIROS DE ZUMBI. *Maneiro pau*. Herdeiros de Zumbi: praia de Sibaúma. Gravado na Escola de Música da UFRN. 2018. Faixa 11. Disponível em <https://youtu.be/By3rix755R8?si=48g4VQ--wGZwTFvW>

HERDEIROS DE ZUMBI. *Sibaúma mano*. Herdeiros de Zumbi: praia de Sibaúma. Gravado na Escola de Música da UFRN. 2018. Faixa 5. Disponível em <https://youtu.be/XS2xeYBNmXY?si=2ILMiROJtb3hDuoJ>

LINS, Cyro Holando de Almeida. *O zambê é nossa cultura: o coco de zambê e a emergência étnica em Sibaúma*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. 2009.

SCHAFER, Raymond Murray. *A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado de mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora*. Trad. Marisa Trench Fonterrada. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp. 2011.

SILVA, Josinaldo Rosa da. *Herdeiros de Zumbi - Sibaúma/RN*. Documentário. Direção Ricardo Amaral. 2021. Disponível em <https://youtu.be/G0YgQTrmiLQ?si=PeXLsXioTO612UYp>